

---

## Prova Escrita de Português

---

12.º Ano de Escolaridade

---

**Prova 639/1.ª Fase**

8 Páginas

---

Duração da Prova: 120 minutos. Tolerância: 30 minutos.

---

**2011**

**VERSÃO 1**

---

Na folha de respostas, indique de forma legível a versão da prova. A ausência dessa indicação implica a classificação com zero pontos das respostas aos itens de 1.1. a 1.7. do Grupo II.

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta indelével, azul ou preta.

Não é permitido o uso de corrector. Em caso de engano, deve riscar de forma inequívoca aquilo que pretende que não seja classificado.

Não é permitido o uso de dicionário.

Escreva de forma legível a numeração dos grupos e dos itens, bem como as respectivas respostas. As respostas ilegíveis ou que não possam ser identificadas são classificadas com zero pontos.

Ao responder, diferencie correctamente as maiúsculas das minúsculas. Se escrever alguma resposta integralmente em maiúsculas, a classificação da prova é sujeita a uma desvalorização de cinco pontos.

Para cada item, apresente apenas uma resposta. Se escrever mais do que uma resposta a um mesmo item, apenas é classificada a resposta apresentada em primeiro lugar.

Para responder aos itens de escolha múltipla, escreva, na folha de respostas,

- o número do item;
- a letra que identifica a opção escolhida.

As cotações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

---

## GRUPO I

### A

Leia o poema seguinte. Em caso de necessidade, consulte o glossário apresentado a seguir ao texto.

- 1 Na casa defronte de mim e dos meus sonhos,  
Que felicidade há sempre!

Moram ali pessoas que desconheço, que já vi mas não vi.  
São felizes, porque não são eu.

- 5 As crianças, que brincam às sacadas altas,  
Vivem entre vasos de flores,  
Sem dúvida, eternamente.

As vozes, que sobem do interior do doméstico,  
Cantam sempre, sem dúvida.

- 10 Sim, devem cantar.

Quando há festa cá fora, há festa lá dentro.  
Assim tem que ser onde tudo se ajusta –  
O homem à Natureza, porque a cidade é Natureza.

Que grande felicidade não ser eu!

- 15 Mas os outros não sentirão assim também?  
Quais outros? Não há outros.  
O que os outros sentem é uma casa com a janela fechada,  
Ou, quando se abre,  
É para as crianças brincarem na varanda de grades,  
20 Entre os vasos de flores que nunca vi quais eram.

Os outros nunca sentem.  
Quem sente somos nós,  
Sim, todos nós,  
Até eu, que neste momento já não estou sentindo nada.

- 25 Nada? Não sei...  
Um nada que dói...

Álvaro de Campos, *Poesia*, edição de Teresa Rita Lopes, Lisboa, Assírio & Alvim, 2002

### GLOSSÁRIO

*sacadas* (verso 5) – varandas pequenas.

Apresente, de forma clara e bem estruturada, as suas respostas aos itens que se seguem.

1. As sensações do sujeito poético são determinantes para a construção de uma certa ideia de quotidiano feliz.

Identifique duas sensações representadas nas quatro primeiras estrofes, citando elementos do texto para fundamentar a sua resposta.

2. Caracterize o tempo da infância tal como é apresentado na terceira estrofe do poema.
3. Explique a relação que o sujeito poético estabelece com os «outros» nas seis primeiras estrofes do poema, fundamentando a sua resposta em referências textuais pertinentes.
4. Relacione o conteúdo da última estrofe com as reflexões apresentadas nas duas estrofes anteriores.

## B

Fazendo apelo à sua experiência de leitura, explicito o modo como Ricardo Reis perspectiva a passagem do tempo e as implicações daí decorrentes.

Escreva um texto de oitenta a cento e trinta palavras.

### Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (ex.: /2011/).
2. Um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até cinco pontos) do texto produzido.

## GRUPO II

Leia o texto seguinte. Em caso de necessidade, consulte o glossário apresentado.

- 1 Como um ser vivo, as cidades crescem à custa do que as rodeia. O grande alimento das cidades é a terra, que, tomada no seu imediato sentido de superfície limitada, ganha o nome de terreno, no qual, feita esta operação linguística, passa a ser possível construir. E enquanto nós vamos ali comprar o jornal, o terreno desaparece, e em seu lugar surge o imóvel.
- 5 Houve um tempo em que esta cidade cresceu devagar. Qualquer prédio da periferia tinha tempo para perder a flor da novidade antes que outro viesse fazer-lhe companhia. E as ruas davam directamente para o campo aberto, para o baldio, para as quintas abandonadas, onde pastavam autênticos rebanhos de carneiros, guardados por autênticos pastores. Esse país diferente, salpicado de oliveiras anãs, de figueiras agachadas, de toscos muros em ruína, e, de quando em vez, com portões solitários, escancarados para o vazio – era as terras.
- 10 As terras não se cultivavam. Faziam, inertes, as suas despedidas da fertilidade, suportavam aquela pausa intermédia entre a morte e a inumação. A sua grande vegetação, o seu grande triunfo de flora, era o cardo. Se lhe davam folga, o cardo cobria de verde-cinzento a paisagem. E dos andares mais altos dos prédios, a vista era melancólica, uniforme, como se em tudo aquilo houvesse uma grande injustiça e um remorso vago.
- 15 Mas as terras eram também o paraíso das crianças suburbanas, o lugar da acção por excelência: ali se faziam descobertas e invenções, ali se traçavam planos, ali a humanidade de calções se dividia já, por imitação dos adultos. E havia rapazes imaginosos que davam nomes aos acidentes topográficos, e outros, muito sensíveis, que ficavam tristes quando, um dia, homens toscos calados começavam a abrir caboucos no sítio onde ardera a fogueira ritual do grupo, o fogo à roda do qual se dispunham, em grave deliberação, rostos atentos e joelhos esfolados. Os grupos tinham chefes autoritários, alguns pequenos tiranos que, um dia, inexplicavelmente, eram destituídos, postos à margem, e iam tentar a sorte noutros grupos, onde nunca ganhavam raízes. Mas a grande desgraça era quando um rapaz mudava de bairro.
- 20 O grupo cicatrizava-se depressa, mas o garoto, com a alma pesada, andava quilómetros para tornar a ver os seus amigos, os lugares felizes, e de cada vez era mais difícil reconstituir a antiga comunhão, até que vinham a indiferença e a hostilidade e o rapaz desaparecia definitivamente, talvez ajudado por amizades novas e novas terras.
- 25 Hoje, a cidade cresce tão rapidamente que deixa para trás, sem remédio, as infâncias.
- 30 Quando a criança se prepara para descobrir as terras, elas já estão longe, e é uma cidade inteira que se interpõe, áspera e ameaçadora. Os paraísos vão-se afastando cada vez mais. Adeus, fraternidade. Cada um por si.

José Saramago, *A Bagagem do Viajante*, 2.ª ed., Lisboa, Editorial Caminho, 1986

### GLOSSÁRIO

*caboucos* (linha 20) – valas ou fossos abertos para neles se assentarem os alicerces de uma construção.

*inumação* (linha 12) – enterramento.

1. Para responder a cada um dos itens de 1.1. a 1.7., seleccione a única opção que permite obter uma afirmação correcta.

Escreva, na folha de respostas, o número de cada item e a letra que identifica a opção escolhida.

1.1. A palavra «terras» é utilizada, ao longo do texto, com o sentido de

- (A) povoação, localidade.
- (B) país, pátria.
- (C) região, território.
- (D) solo, chão.

1.2. A «operação linguística» referida no primeiro parágrafo (linha 3) corresponde a uma transformação que torna possível

- (A) o desenvolvimento de paraísos suburbanos.
- (B) a construção de edifícios.
- (C) o cultivo dos terrenos agrícolas.
- (D) a aproximação entre grupos de crianças.

1.3. Relativamente à reflexão desenvolvida nos parágrafos anteriores, o parágrafo iniciado por «Mas» (linha 16) apresenta

- (A) uma ideia equivalente.
- (B) uma consequência.
- (C) um outro ponto de vista.
- (D) um facto semelhante.

1.4. Na frase «Houve um tempo em que esta cidade cresceu devagar.» (linha 5), a forma verbal «cresceu» corresponde, em relação à forma verbal «houve», a um tempo

- (A) anterior.
- (B) posterior.
- (C) inacabado.
- (D) simultâneo.

1.5. No contexto em que ocorrem, as expressões «crianças suburbanas» (linha 16) e «humanidade de calções» (linhas 17 e 18) contribuem para a coesão

- (A) frásica.
- (B) interfrásica.
- (C) lexical.
- (D) temporal.

**1.6.** Na expressão «vão-se afastando» (linha 31), a acção é perspectivada como

- (A) progressiva.
- (B) pontual.
- (C) habitual.
- (D) acabada.

**1.7.** No segundo período do texto, ocorrem duas orações subordinadas

- (A) adjectivas relativas explicativas.
- (B) substantivas completivas.
- (C) adjectivas relativas restritivas.
- (D) adverbiais consecutivas.

**2.** Responda de forma correcta aos itens apresentados.

**2.1.** Indique o antecedente dos determinantes possessivos que ocorrem em «A sua grande vegetação, o seu grande triunfo de flora» (linhas 12 e 13).

**2.2.** Identifique a função sintáctica desempenhada pela expressão «a indiferença e a hostilidade» (linha 27).

**2.3.** Classifique a oração iniciada por «que» em «Hoje, a cidade cresce tão rapidamente que deixa para trás, sem remédio, as infâncias.» (linha 29).

## GRUPO III

Leia o excerto seguinte.

A importância da literatura para a criança, como para o adulto, é que ela é um «organizador fundamental», que protege a vida contra a automatização e contra a «tragédia da rotina» que ameaça a afectividade e as relações.

Manuel António Pina, «A língua que os livros “para” crianças falam», in *Palavra de Trapos. A Língua Que os Livros Falam*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2010

Num texto bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas palavras, apresente uma reflexão sobre a importância da literatura para o ser humano, partindo da perspectiva exposta no excerto acima transcrito.

Fundamente o seu ponto de vista recorrendo, no mínimo, a dois argumentos e ilustre cada um deles com, pelo menos, um exemplo significativo.

### Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (ex.: /2011/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas palavras –, há que atender ao seguinte:
  - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
  - um texto com extensão inferior a oitenta palavras é classificado com zero pontos.

**FIM**

## COTAÇÕES

### GRUPO I

<b>A</b>		
1.	.....	15 pontos
	Conteúdo (9 pontos)	
	Organização e correcção linguística (6 pontos)	
2.	.....	20 pontos
	Conteúdo (12 pontos)	
	Organização e correcção linguística (8 pontos)	
3.	.....	15 pontos
	Conteúdo (9 pontos)	
	Organização e correcção linguística (6 pontos)	
4.	.....	20 pontos
	Conteúdo (12 pontos)	
	Organização e correcção linguística (8 pontos)	
<b>B</b>	.....	30 pontos
	Conteúdo (18 pontos)	
	Organização e correcção linguística (12 pontos)	
		<hr/>
		<b>100 pontos</b>

### GRUPO II

1.		
1.1.	.....	5 pontos
1.2.	.....	5 pontos
1.3.	.....	5 pontos
1.4.	.....	5 pontos
1.5.	.....	5 pontos
1.6.	.....	5 pontos
1.7.	.....	5 pontos
2.		
2.1.	.....	5 pontos
2.2.	.....	5 pontos
2.3.	.....	5 pontos
		<hr/>
		<b>50 pontos</b>

### GRUPO III

Estruturação temática e discursiva	.....	30 pontos
Correcção linguística	.....	20 pontos
		<hr/>
		<b>50 pontos</b>

**TOTAL** ..... **200 pontos**